



# REGURGITAR O COLONIALISMO E NEGOCIAR O RACISMO COTIDIANO: SUPORTES ENTRE LAURA PERLS E GRADA KILOMBA NA PSICOTERAPIA COM PESSOAS NEGRAS

**Geovana Beatriz Albuquerque Rocha Santos<sup>1</sup>**

*Universidade Federal Da Bahia, Instituto Multidisciplinar em Saúde, Vitória da Conquista, BA, Brasil.*

**Cláudia de Oliveira Alves<sup>2</sup>**

*Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, DF, Brasil.*

**Lorena Schalken de Andrade<sup>3</sup>**

*Universidade da Amazônia, Belém, PA, Brasil.*

**Resumo:** Fazendo um diálogo entre Grada Kilomba e Laura Perls, o presente ensaio teórico busca apontar possíveis caminhos de compreensão das experiências de pessoas negras no Brasil, através de uma perspectiva gestáltica. Considerando as dimensões dentro-fora do espaço psicoterapêutico e pressupondo o racismo como uma realidade dada, abordamos a clínica psicológica como espaço político, herdeiro de um passado colonial e escravocrata. Expomos o negociar do racismo relacionando-o com o regurgitar dos falsos sonhos de uma branquitude introjetada. Para isso, recorreremos à epistemologia gestáltica de amplificação e fortalecimento das funções de contato e suporte, propondo recursos psicoterapêuticos como suporte para negociar o racismo cotidiano. Ao final, ressaltamos a necessidade de um espaço epistemológico enraizado no território brasileiro e consideramos

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia, com intercâmbio pela Universidade de Brasília. E-mail: [g.bia13@hotmail.com](mailto:g.bia13@hotmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2394-8021>

<sup>2</sup> Doutora e Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília. Professora Adjunta do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília. E-mail: [cla.alves@unb.br](mailto:cla.alves@unb.br); ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5111-8824>

<sup>3</sup> Doutora e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Pará. Professora da Universidade da Amazônia. E-mail: [lorenaschalken@gmail.com](mailto:lorenaschalken@gmail.com); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7745-0259>



possíveis estratégias e rotas de fuga que podem ser percorridas dentro das brechas existentes no sistema racista.

**Palavras-chave:** Colonialismo; Racismo; Gestalt-Terapia; Epistemologia; Raça.

## **REGURGITING COLONIALISM AND NEGOTIATING EVERYDAY RACISM: SUPPORTS BETWEEN LAURA PERLS AND GRADA KILOMBA IN PSYCHOTHERAPY WITH BLACK PEOPLE**

### **ABSTRACT**

By establishing a dialogue between Grada Kilomba and Laura Perls, this theoretical essay seeks to point out possible ways of understanding the experiences of black people in Brazil through a Gestalt perspective. Considering the inside-outside dimensions of the psychotherapeutic space and assuming racism as a given reality, we approach the psychological clinic as a political space, heir to a colonial and slave-owning past. We expose the negotiation of racism by relating it to the regurgitation of false dreams of an internalized whiteness. To this end, we resort to the Gestalt epistemology of amplification and strengthening of the functions of contact and support, proposing psychotherapeutic resources as support for negotiating everyday racism. Finally, we emphasize the need for an epistemological space rooted in Brazilian territory and consider possible strategies and escape routes that can be followed within the gaps existing in the racist system.

**Keywords:** Colonialism; Racism; Gestalt Therapy; Epistemology; Race.

## **REGURGIENDO EL COLONIALISMO Y NEGOCIANDO EL RACISMO COTIDIANO: APOYOS ENTRE LAURA PERLS Y GRADA KILOMBA EN PSICOTERAPIA CON PERSONAS NEGRAS**

### **RESUMEN**

Estableciendo un diálogo entre Grada Kilomba y Laura Perls, este ensayo teórico busca señalar posibles caminos para comprender las experiencias de las personas negras en Brasil, a través de una perspectiva Gestalt. Considerando las dimensiones dentro-fuera del espacio psicoterapéutico y asumiendo el racismo como una realidad dada, abordamos la clínica



psicológica como un espacio político, heredero de un pasado colonial y esclavista. Exponemos la negociación del racismo relacionándolo con la regurgitación de falsos sueños de una blancura internalizada. Para ello, recurrimos a la epistemología Gestalt de amplificación y fortalecimiento de las funciones de contacto y apoyo, proponiendo recursos psicoterapéuticos como apoyo para negociar el racismo cotidiano. Finalmente, destacamos la necesidad de un espacio epistemológico enraizado en el territorio brasileño y consideramos posibles estrategias y rutas de escape que se puedan seguir dentro de las brechas que existen en el sistema racista.

**Palabras-clave:** Colonialismo; Racismo; Terapia Gestalt; Epistemología; Raza.

## **RÉGURGITATION DU COLONIALISME ET NÉGOCIATION DU RACISME QUOTIDIEN : SOUTIENS ENTRE LAURA PERLS ET GRADA KILOMBA EN PSYCHOTHÉRAPIE AVEC DES PERSONNES NOIRES**

### **RÉSUMÉ**

Établissant un dialogue entre Grada Kilomba et Laura Perls, cet essai théorique cherche à souligner les manières possibles de comprendre les expériences des Noirs au Brésil, à travers une perspective gestaltiste. Considérant les dimensions intérieures et extérieures de l'espace psychothérapeutique et supposant le racisme comme une réalité donnée, nous abordons la clinique psychologique comme un espace politique, héritier d'un passé colonial et esclavagiste. Nous exposons la négociation du racisme en la reliant à la régurgitation de faux rêves d'une blancheur intériorisée. À cette fin, nous recourons à l'épistémologie gestaltiste d'amplification et de renforcement des fonctions de contact et de soutien, en proposant des ressources psychothérapeutiques comme support pour négocier le racisme quotidien. Enfin, nous soulignons la nécessité d'un espace épistémologique enraciné dans le territoire brésilien et envisageons les stratégies possibles et les voies d'évasion qui peuvent être suivies dans les lacunes qui existent dans le système raciste.

**Mots-clés:** Colonialisme ; Racisme; Gestalt-thérapie; Épistémologie; Course.



## **O PENSAMENTO PSICOLÓGICO BRASILEIRO E O PARADIGMA RACIAL**

A partir do diálogo entre as ideias de Grada Kilomba e Laura Perls, o presente ensaio teórico propõe possíveis caminhos de suporte para manejar e negociar as experiências de racismo que chegam ao setting psicoterapêutico. Aqui, as autoras escolhidas para esse diálogo serão chamadas de maneira intimista pelos seus primeiros nomes, rompendo com a impessoalidade e neutralidade comuns nas escritas acadêmicas. Para isto, partimos de reflexões produzidas através de intercâmbios físicos, virtuais e simbólicos, de inquietações acerca da formação epistemológica da psicologia e seus impactos na atuação clínica das/os profissionais da área.

Grada é apresentada, aqui, com foco na abertura para desafiar as formas dominantes de produção de conhecimento e na revisão de como o espectro racista do branco/universal/positivo ao não-branco/Outro/negativo opera nas experiências de pessoas negras; Já Laura é evidenciada com enfoque no fortalecimento e amplificação dos suportes para a clínica da e para pessoas negras, a partir da Gestalt-terapia, desde a dimensão fisiológica primária, posturas e hábitos que se tornam automáticos, até o processo de integração e assimilação de suas potencialidades numa perspectiva de campo.

Partindo das pistas que as autoras evidenciam, caminhamos para uma compreensão gestáltica sobre as experiências de pessoas negras no mundo e como elas podem ser manejadas, considerando as dimensões dentro-fora do espaço psicoterapêutico e refletindo acerca da clínica psicológica como espaço político, sustentado pelo compromisso com transformações sociais para além do aspecto privatista da psicoterapia individual. Para isso, recorreremos às estratégias de amplificação e fortalecimento das funções de contato e suporte presentes na teoria de Laura, para que seja possível o que



Grada aponta sobre a fúria e a raiva poderem ser utilizadas para “negociar” o racismo cotidiano. Esse processo pode organizar rupturas possíveis, dando novos contornos à forma, dentro das possibilidades de re-existências num campo de experiências que continuarão imprimindo cortes na corporeidade das pessoas negras no mundo.

Ao percorrer os caminhos dos estudos sobre as relações étnico-raciais na psicologia, é possível perceber o quanto, historicamente, essa ciência e profissão habitou lugares que legitimaram e justificaram diversas violências contra a população negra, sobretudo quando nos enraizamos na realidade brasileira. Nesse caminhar, a psicologia evidenciou estruturas sociais, epistemológicas e ontológicas que foram permeadas pelo colonialismo e pelo escravismo (Costa; Mendes, 2022), bem como a própria Gestalt-Terapia (GT).

Quando pensamos em como o paradigma da raça foi construído, voltamos aos séculos XVIII e XIX, marcados pelos estudos naturalistas que transportaram a classificação das raças de plantas para os humanos e erigiram

uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais. Assim, os indivíduos da raça ‘branca’, foram decretados coletivamente superiores aos da raça ‘negra’ e ‘amarela’ (Munanga, 2004, p. 5).

No Brasil, Santos et al. (2012) ressaltam o fortalecimento dos estudos eugenistas ditos “científicos”, até o final do século XX, que responsabilizavam a presença negra, mestiça e indígena pelo subdesenvolvimento percebido do país. Elas eram consideradas primitivas e exóticas (e, portanto, loucas), sendo manicomializadas a partir de noções de psicopatologia comparada – entre o que se considerava civilização branca e o modo de existir negro – onde as dimensões moral, afetiva, religiosa, intelectual e sexual de pessoas negras, indígenas e mestiços eram consideradas inferiores, comparadas à



superioridade do desenvolvimento das pessoas brancas (Galdini; Dalgalarrodo, 2004).

Também precisamos destacar resistências a este movimento, como Prestes (2020) ressalta o protagonismo da Irmandade Boa Morte sendo a primeira organização de mulheres negras do Brasil no início do século XIX, atuando através da resistência ao racismo estrutural e da promoção de espaços de cuidado. Ademais, Juliano Moreira, médico psiquiatra, surge no final do século XIX como figura negra importante no contestamento do eugenismo presente nos moldes psiquiátricos, provocando um deslocamento epistemológico nos moldes manicomiais da psiquiatria e sendo um dos precursores dos diálogos entre psiquiatria e psicanálise no Brasil (Prestes, 2020). Reafirmava-se, então, o espaço do cuidado em saúde a partir de uma visão que ia além do normal e patológico, compreendendo os fenômenos psíquicos como, também, sociais (Prestes, 2020).

Mesmo passado alguns séculos, ainda segue urgente ressaltar o quanto o conceito de raça como categoria biológica não consegue de maneira alguma sustentar a lógica que opera cotidianamente na organização dos grupos racializados no Brasil. Com outros estudos sendo feitos, em contrapartida daqueles citados acima, a raça biológica foi inoperacionalizada e refutada, embora ainda esteja presente enquanto termo etno-semântico, ficcional e, sobretudo, sociológico (Munanga, 2004).

Nesse sentido, optamos por trazer o entendimento de Sueli Carneiro (2023, p. 25), permeado também do ideário foucaultiano, sobre a raça como um dispositivo que “instaura uma divisão que tem efeitos ontológicos, constituindo sujeitos através da enunciação sobre o Outro”. Ela utiliza uma letra maiúscula na escrita da palavra Outro, para dar destaque à condição construída de Outridade na e da qual as pessoas negras são subjetivadas. É partindo do que



podemos chamar de “Outrificação” que Nina Rodrigues produz seus estudos; e essa empreitada também apareceu como um estudo psicopatológico supostamente brilhante, por exemplo, em Galdini et al. (2004), mas, na verdade, só evidenciam o racismo estrutural brasileiro.

A racialidade, no Brasil, forma um espectro generalizante que é fenotípico, estético, que vai do positivo ao negativo de acordo com a cor da pele, com o tipo de cabelo, com o formato do rosto, do nariz, da boca, dos dentes, dos olhos e aspectos culturais e espirituais. Assim, a branquitude é colocada na ponta positiva desse espectro, como sujeito universal; e a negritude colocada na outra ponta, como *Outro*. Dessa forma, generaliza-se e hierarquiza-se psicologicamente, intelectualmente e moralmente os indivíduos dentro desse espectro, como exposto na fala de Munanga (2004), citada anteriormente, e como exporemos à diante com Grada.

Nesse sentido, Alves et al. (2023) apontam o quão essa condição racializada dos corpos é estruturante e estruturada dentro do acesso e garantia de direitos, sendo um determinante essencial para pensarmos na promoção de bem estar e saúde da população negra no Brasil. Além disso, é instigante perceber como os estudos sobre essas relações raciais eram feitos e, entre os séculos XVIII e XX, como se concatenam com a história da Psicologia. Sabemos que em 1879 o laboratório de Wundt marcou o estabelecimento da psicologia enquanto ciência dentro dos moldes medicopsicológicos (Figueiredo; Santi, 2008). Ao mesmo tempo, esse que foi considerado “marco” do nascimento da psicologia se insere no contexto histórico de avanço do capitalismo enquanto sistema de econômico de produção e ideologia dominante e, sobretudo, nas tendências cartesianas de uma época onde o mecanicismo e reducionismo de Descartes (1596–1650) influenciavam a compreensão dos fenômenos. O pensamento cartesiano propunha que a



realidade, além de focada na produção, aceleração, individualização e maior divisão entre o público e privado, fosse analisada em cada uma de suas partes, de modo isolado e objetivo. Nessa direção, o *cogito ergo sum* (*penso, logo existo*) baseava uma visão de existência na qual o ser existia através do pensamento, cindido, ali, numa nuvem analítica, que apartava para entender (Anderson; Rodrigues, 2017; Costa; Mendes, 2022). Ao se erguer o *cogito ergo sum*, descola-se a humanidade da concretude da experiência e o ser humano passa a existir como fruto de seus pensamentos (Costa; Mendes, 2022).

Foi nesse descolamento entre o humano e sua própria humanidade corpórea e concreta, acompanhado, entre outros fatores, pelos modos de produção capitalista/colonialista, que a psicologia se tornou uma área do saber cindida e alheia às problemáticas que atravessam seu “objeto” de estudo (Costa; Mendes, 2022). Em virtude desse “alhear-se”, o estudo das relações étnico-raciais ganhou mais notoriedade, de maneira mais crítica ao determinismo biológico (darwinismo social) das raças, nas décadas entre 30 à 90, sendo estas últimas o momento no qual surgiram estudos de teóricas e teóricos como Edith Piza, Iray Carone, Cida Bento e Jurandir Freire Costa (Santos; Schucman; Martins, 2012).

Quando nos debruçamos, particularmente, sobre a formação da epistemologia gestáltica dentro das discussões acima, nos deparamos com um sistema teórico que também não escapou de ser capturado pelo colonialismo e seus tentáculos. Apesar de ter sido forjada sob uma base de contracultura e subversão diante dos dispositivos de poder (Arrelias, 2021), é evidente perceber que a GT não escapou do silenciamento e da psicologização de muitas problemáticas que não são tão individuais assim, como o racismo. Desde os passos iniciais dados em direção à formação da abordagem por Laura e Fritz Perls, em 1947, com o livro “Ego, fome e Agressão”, podemos



notar que apesar de ausente em reflexões apontadas pelos autores, o processo de racialização dos grupos se mostra num agir que denuncia aquilo que já expomos aqui sobre o caráter espectral e generalizador da racialização, do positivo ao negativo de acordo com a proximidade da brancura colonial. Por exemplo, contamos com uma passagem que iguala os modelos de linguagem indígena (referidos como *aborígenes*) a um estágio pré-diferencial do desenvolvimento dos processos mentais/de pensamento das crianças ou pessoas idosas, excitadas e insanas que regredissem a esse estágio, presente no trecho:

Podemos discernir os opostos: falar vocal e subvocal. Seu estágio pré-diferencial pode ser observado em crianças e aborígenes como murmúrio, resmungo e sussurro, e uma regressão a esse estágio pode ocorrer em pessoas excitadas, idosas ou insanas” (Perls; Perls, 2002, p. 59)<sup>4</sup>.

Precisamos revisitar essas passagens com um olhar para o como e onde elas surgiram, em qual contexto, e como esse onde influenciou a construção da GT. Depois da escrita do “Ego, Fome e Agressão”, o livro “Gestalt-Terapia” (Perls; Hefferline; Goodman, 1970) despontou como sendo o guia base da abordagem, chegando no Brasil na década de 70, em plena ditadura militar. Sendo repleto de um conteúdo mais voltado para uma visão contracultural e anarquista, a inserção do livro no contexto brasileiro precisou desviar dos ideais e espaços conservadores ditatoriais. Entretanto, não escapou do elitismo e brancocentrismo na sua propagação que, como Livia Arrelias (2021, p. 96) aponta, foi permeada por “um forte teor ideológico de falsa democracia racial”, pouco se debruçando sobre a concretude brasileira

---

<sup>4</sup> As citações feitas dessa forma se referem não apenas a Fritz Perls, mas também à Laura Perls, que contribuiu ativamente nos escritos do livro Ego, fome e agressão, por meio de sua tese de doutoramento (*Die Erscheinungen des simultanen Kontrastes und der Eindruck der Feldbeleuchtung*, 1932), e no entanto os créditos do livro, posteriormente, foram atribuídos integralmente a Fritz Perls.



(do próprio contexto ditatorial onde teve seu surgimento) e sobre conceitos tão basilares para a abordagem, como o de contato, campo organismo/ambiente e fronteira de contato, que na verdade eram e são muitas vezes essencializados e mistificados em favor de teatralizações como as de Fritz Perls e de conceitos de filosofias originárias do oriente. Estas são aplicadas, muitas vezes, de maneira desconexa com a realidade da maioria da população brasileira.

Nesse sentido, podemos perceber que a tradução e introdução da teoria em outro território sem antes territorializá-la foi mais uma dimensão dos tentáculos do colonialismo, fazendo perder os sentidos da própria abordagem e da própria atuação inserida no Brasil. Não defendemos aqui uma rigidez teórica onde não ocorram intercâmbios entre diversas linguagens e territorialidades. O problema é quando o “como do onde” (Arrelias, Livia, Comunicação Pessoal, 2024) elas vêm é ignorado partindo do forte teor de democracia racial apontado anteriormente, no sentido de uma essencialização e falta de reflexão sobre o campo de onde elas surgiram, caindo mais uma vez naquele espectro da racialização (do universal ao Outro; do branco=positivo ao negro=negativo) que ocorre, também, nessa construção epistemológica. No caso do livro em questão, somente a segunda parte dele foi traduzida, e a primeira não. Então, o que foi mantido e o que foi suprimido nele e, conseqüentemente, na nossa formação científico-profissional? O que foi introjetado nessas formações profissionais sem antes se inserir na realidade ontológica de onde elas vêm?

Assim, novas formas de caminhar por esses trajetos são necessárias, numa tentativa de disponibilizar nutrição para uma prática profissional que seja capacitada para manejar, dentro das potencialidades e limitações do dentro-fora do espaço psicoterapêutico brasileiro, os atravessamentos do colonialismo nos sujeitos negros que chegam na relação terapêutica de um atendimento psi especializado. Partiremos do pressuposto de que o racismo é



uma dimensão que existe, que está dada; que a estrutura da dinâmica racial está presente, sobretudo, na relação terapêutica. Entendemos aqui que a negritude emerge como um lugar, um corpo-território, um corpo-mapa (Nascimento, 1882), produzido e produtor dentro da sua historicidade e agencialidade.<sup>5</sup>

Grada é uma mulher negra, psicóloga, psicanalista, afro-lisbonense e escritora do livro “Memórias da Plantação - Episódios de racismo cotidiano” (2019), que recebeu diversas premiações aqui no Brasil e em outros países. Ler Grada é um agrado para quem navega na correnteza dos mares que foram/são contaminados pelo colonialismo e já foram ambientes de tantos genocídios, apagamentos, epistemicídios, entre outras violências, concretas e sutis. Laura é uma mulher branca, psicóloga e Gestalt-Terapeuta nascida na Alemanha. É uma figura central dentro da construção epistemológica da Gestalt-Terapia, invisibilizada durante muito tempo, abordada aqui para uma maior divulgação e aplicação prática das suas potentes contribuições sobre conceitos como agressão, mastigação, assimilação, suporte e contato.

Na conclusão, será possível observar que as autoras, apesar de terem percorrido caminhos diferentes, conseguem se transpassar no ponto desses suportes para uma clínica que considera as questões raciais e oferecer uma compreensão mais fundamentada sobre as experiências das pessoas negras no mundo, bem como as possíveis estratégias e rotas de fuga que podem ser percorridas dentro das brechas existentes no sistema racista.

---

<sup>5</sup> A agencialidade aqui é entendida como movimento de agência não passiva diante da dialética formadora da subjetivação negra. Está envolvida num estado ativo, presente no “regurgitar” do colonialismo e no “negociar” do racismo cotidiano abordado mais à frente.



## PONTES POSSÍVEIS: PISTAS QUE GRADA E LAURA DEIXAM PELO CAMINHO

Em seu livro “Memórias da Plantação - Episódios de racismo cotidiano” (2019), Grada oferece um amplo substrato para pensar a negritude e seus processos de subjetivação fundamentados a partir da historicidade racial aqui já delineada, da colonialidade e das suas interseccionalidades de gênero e classe, pensando-as como contextos específicos de subjetivação que estruturam possibilidades de ser e estar no mundo. Grada reitera – assim como Sueli Carneiro (2023) – a construção do sujeito negro sendo *Outra/o*, onde a branquitude também se constrói, sendo dependente e existindo a partir da exploração dessa/e *Outra/o*:

o sujeito negro é [sic] sempre forçado a desenvolver uma relação consigo mesma/o através da presença alienante do ‘outro’ branco (Hall, 1996). Ou sempre colocado como ‘Outra/o’, nunca como ‘Eu’. O que mais isso poderia ser para mim’, pergunta Fanon (1967, p. 112) ‘senão uma amputação, uma excisão, uma hemorragia que respinga meu corpo inteiro com sangue negro?’ Fanon utiliza a linguagem do trauma como a maioria das pessoas negras o faz quando fala sobre experiências cotidianas de racismo, indicando o doloroso impacto corporal e a perda característica de um colapso traumático pois no racismo o indivíduo é cirurgicamente retirado e violentamente separado de qualquer identidade que ela/ele possa realmente ter (Kilomba, 2019, p. 39).

Para esmiuçar esses conteúdos no decorrer de sua produção literária, a autora se aprofunda nas memórias de duas mulheres negras que ela entrevistou e que partilharam várias experiências ligadas às estruturas coercitivas, invasoras e dominantes do colonialismo. Nessa empreitada, Grada parece ter consciência de que adentrar as existências destas duas mulheres é como conhecer um novo lugar, mesmo que semelhante em suas vivências, carregado de pluralidade de sentidos e memórias. Adentrar esses corpos-território (Nascimento, 1982) requer, primeiramente, o esmero, o descalçar dos pés, o pisar devagar. Estes calçados serão os que também



precisarão ser retirados aqui, nesta leitura, pois nela não caberão as formas que apertam nossos pés e os impedem de pisar no chão.

Entrando em contato com as partilhas dessas mulheres que participaram da sua pesquisa, Grada (2019) expõe o seu compromisso em não apenas invadir o discurso delas com academicismos dominantes e interpretativos, mas sim de partir da fenomenologia, com uma observação atenciosa, descrevendo o fenômeno em seus detalhes, ao invés de atingir uma abstração onde as entrevistadas seriam apenas mais “dados” de análise. Ela identificou sete eixos que apareceram a partir das vivências das participantes:

(i) políticas espaciais; (ii) políticas do cabelo; (iii) políticas sexuais; (iv) políticas de pele; (v) cicatrizes psicológicas impostas pelo racismo cotidiano; (vi) estratégias psicológicas para curar-se do e/ou superar o racismo cotidiano; (vii) estratégias de resistência.” (Kilomba, 2019, p.92).

Dentre estes, os dois últimos estarão mais enfocados aqui, enquanto os outros cinco os permearão indissolivelmente. Ao tratar de memórias tão cortantes e incisivas, de vivências de exclusão social, territorial e de invasões perpetradas sobre as características de pessoas negras - a pele, o cabelo, as formas corporais, a espiritualidade, a sexualidade, Grada reitera o que já está evidente: a estrutura na qual as diferenças são “inseparavelmente ligadas a valores hierárquicos” (Kilomba, 2019, p. 75) e inseridas num campo espectral do positivo ao negativo, onde o diferente é aquele que foge à norma branca, tomada como universal. Diante disso, ela aponta (p. 226): “Somos, de fato, aprisionadas/os num ato de colonialismo que somos obrigadas/os a ‘desfazer’”, e instiga: “Mas como se dá esse processo de ‘desfazer’? Como alguém se descoloniza? Como deve ser a descolonização do eu?”.

Ela propõe (Kilomba, 2019, p. 228) que, em vez de perguntar “o que você fez depois do episódio racista?”, a pergunta “o que o racismo fez com você?” abre margens para um espaço de fala que por muito tempo foi negado às



peessoas negras. Ao invés de se justificarem, de se fazerem entender e serem compreendidas, as pessoas negras podem e precisam ser agentes nas e das suas realidades. Para a autora, com isso, o sujeito negro sairia desse “relacionamento com ele mesmo através desse outro” branco, até porque o sujeito negro foi e é constantemente invadido: “o sujeito branco pergunta e o sujeito negro responde, o sujeito branco pede e o sujeito negro explica, o sujeito branco exige e o sujeito negro elucida.” (Kilomba, 2019, p. 228). O objetivo do racismo é de controlar e possuir, e não de entender.

Grada salienta ser preciso estabelecer limites, é necessário não se explicar, colocar-se para fora da dinâmica colonial e se despedir desse lugar de Outridade. É nesse caminho que Grada articula passagem e ponte para Laura Perls, pois aponta:

O que aconteceria se nos permitíssemos sentir a fúria causada pelo racismo? O que deveríamos fazer com essa raiva? Ou com esse desespero? E o que o sujeito branco teria de ouvir? Nós investimos fortemente na fantasia de que devemos ser compreendidas/os a fim de evitar um sentimento de desilusão e conflito. De modo geral, porém, não somos compreendidas/os, especialmente quando nos pronunciamos contra o racismo (Kilomba, 2019, p. 231).

Laura Perls, tanto em seu livro “Living at the boundary” (1992a), quanto em suas contribuições em “Ego, fome e agressão” (Perls; Perls, 2002) e em outras produções que foram publicadas mas não divulgadas e traduzidas do alemão, delineia conceitos fundamentais que correm na mesma direção das reflexões propostas por Grada. Neles, acessamos o conceito de agressão como uma força orgânica, que, holisticamente, movimenta “a possibilidade de morder, mastigar, digerir e assimilar alimentos físicos (e, por outro lado, o poder de pensar, de criticar, de compreender, o que representa o meio de assimilar o alimento intelectual)” (Perls, 1992b, p. 33). Ou seja, para assimilar o mundo, é preciso devorá-lo, mastigá-lo, digeri-lo. Laura (1992a, p. 8, tradução nossa) considera que a “desestruturação e reestruturação são as forças



cinéticas pelas quais cada um cresce” e que isso é “um passo necessário para atingir um outro nível/tipo de integração.”.

Quando esse movimento não ocorre e a agressão fica suprimida, ao invés de mastigar, engole-se o mundo, introjetam-se padrões de significação, inibe-se a habilidade de agir criticamente e experiências retroflexivas – que ocorrem quando alguma função, que originalmente é dirigida do indivíduo para o mundo, muda sua direção e se volta para o originador – acontecem (Perls; Perls, 2002). Assim, é possível perceber o que Laura propõe quando Grada expõe a experiência de uma das mulheres que ela entrevistou:

Kathleen sabe o que o racismo causou a ela - fúria - , mas, a princípio, ela fica incerta sobre qual resposta dar. Ela hesita em usar sua raiva e fúria como recursos para negociar o racismo cotidiano; em vez disso, Kathleen fica confusa. Muitas vezes, confundimos sentimentos, por vezes o que sentimos é raiva inflamada e irritação, mas em vez disso expressamos tristeza e impotência. Ou carregamos uma ferida profunda, mas expressamos raiva e irritação constantes. (Kilomba, 2019, p. 231)

Como esses sentimentos – que aparecem em ato, mas também estão no corpo sensível de quem os vive – poderiam ser utilizados como recursos para, como Grada diz, “negociar” o racismo cotidiano? Como aquela raiva, irritação e fúria experienciadas de forma retrofletida por Kathleen poderiam ser agenciadas como organização de contornos à rupturas possíveis? Com quem e onde organizar e expressar tudo isso? Como esse “negar o ócio”,<sup>6</sup> essa neg-ociação aconteceria?

Para dizer não ao que foi engolido sem mastigar – pensando no ócio como estado de folga e passividade – chamamos à agencialidade, o neg-ociar, para que o colonialismo – como introjeção máxima de invasões e dominações – seja regurgitado, cuspidado, assim como Laura (1992a, p.7, tradução nossa)

---

<sup>6</sup> Do latim *negocium*: *neg* (não) e *ocium* (ócio) (PUCRS Online).



expõe: “se você engolir algo que não é digerível, você o traz à tona... e regurgita.”.

Se levarmos em consideração a psicologia como profissão que ainda é composta por 63% de pessoas brancas (Brasil, 2022) e a psicoterapia como um espaço no qual a pobreza racializada se mostra através da presença reduzida de pessoas negras nas clínicas privadas (Gouveia; Zanello, 2022), nossa prática psi escancara o caráter branco-elitista do que foi mercantilizado como “saúde mental”. Ainda, quando uma relação interracial em psicoterapia consegue se dar, uma pessoa negra tem acesso e permissão para sentir raiva e fúria pelo o que a pessoa branca que a atende representa? Essa pessoa que a atende é capacitada a sustentar o desconforto que sente em abordar o racismo quando este aparece em seu consultório privado? Gouveia e Zanello (2019) evidenciam que o caráter formativo da/o psicoterapeuta impacta de forma latente no processo de vinculação terapêutica, tanto entre terapeuta branca/o e pessoa atendida negra, quanto entre pares brancos-brancos, negros-negros.

Pensando na tríade do racismo evidenciada por Grada (2019) – onde, no ato racista, existe a pessoa que é autora, a que sofre e a que simplesmente assiste – a/o psicoterapeuta vai ser a pessoa que simplesmente assiste, ou, até, a que é autora? Partindo das reflexões de Lia Vainer Schucman (2012), sendo essa/e psicoterapeuta branca/o, ela/e se reconheceria, também, enquanto pessoa racializada em sua brancura e privilégios? E se ocorrer o inverso dessa díade racial, com a pessoa atendida sendo racialmente branca e a/o psicoterapeuta negra/o – aquelas/es que compõem os 34,6% na soma entre psis pardas/os e pretas/os (Brasil, 2022) –, como essa dinâmica racial se organizaria? Gouveia-Damasceno e Zanello (2022) evidenciam que independentemente da composição desta dupla psi+pessoa atendida, a elaboração formativa da/o psicoterapeuta nas relações raciais é imprescindível



para a dissolução do colonialismo vigente em nossas práticas, nomeando o branco, também, como um ser racializado.

O colonialismo não é digerível. Mas ele ainda está presente, por ter sido engolido, ainda que rasgando nossas gargantas. Por isso, quando Grada fala sobre não mais se explicar e se colocar para fora da dinâmica colonial, é a desestruturação e reestruturação que ela nos instiga.

### **OS VERDADEIROS SONHOS DA NEGRITUDE: NUTRIÇÃO PARA CAMINHAR PELOS CORPOS-CONTINENTES.**

Os “falsos sonhos da brancura” encenados na peça “Sortilégio” de Abdias Nascimento (2022, p. 89) clamam pela nossa saída da lógica colonial. Esses sonhos da brancura se delineiam em tentáculos que capturam, tanto a experiência de pessoas negras, como vimos anteriormente, quanto a nossa experiência enquanto profissionais da psicologia, carregando para longe nossas cores, cortes e histórias de lugares que habitamos, física ou simbolicamente. Ao regurgitar esses sonhos embranquecidos, novos caminhos podem ser abertos para que acessássemos o que poderíamos chamar de verdadeiros sonhos da negritude. Sonhos, sim. Por abrirem imaginários possíveis, utopias que mobilizam movimento.

Precisamos mastigar, degustando pedaço por pedaço, os limites e potencialidades de uma atuação nesses contextos, e também como chegamos até aqui. Para isso, demandamos alimento disponível. Será que existem alimentos nutritivos disponíveis? Será que reivindicamos ou rejeitamos certos alimentos, e outros não? Quantas autoras e autores negros são divulgados como referência na psicologia em geral e na gestalt-terapia? Como a colonialidade, em seu domínio da razão, cindida e descolada da concretude das



experiências, impacta nossas práticas clínicas? Estas, quando hegemônicas, dão conta da multiplicidade de dimensões que atravessam as pessoas? Intervenções privativas e individuais, isoladas, não resolvem sozinhas os problemas que chegam de forma privada e individual. Visto isso, há que se pensar as dimensões dentro-fora do espaço psicoterapêutico, no que é possível de se fazer dentro dele e no que, fora dele, também pode ser terapêutico. Afinal, partimos do pressuposto de que, para fora dos moldes cartesianos, a experiência ocorre em uma concatenação com múltiplos aspectos da vida cotidiana que se conjugam com os sujeitos e reivindicam um espaço epistemológico territorializado na historicidade brasileira, de forma a descalçar, também, o fazer psi dos moldes coloniais que a fizeram e a sustentam em atuações que muitas vezes não contribuem efetivamente para a saúde da população negra.

Como Lucas Veiga (2021) aponta, a clínica do racismo é uma clínica do impossível, pois ele não vai acabar com uma simples intervenção profissional. Pelo contrário: vai continuar a se inscrever do lado de fora das quatro paredes do consultório. Por isso, considerar a dimensão macropolítica do fortalecimento e desenvolvimento de políticas públicas é, também, amplificar e reforçar suportes, considerando um fazer psi que se estenda em ações e posicionamentos políticos tensionadores da ideia dominante de psicologia neutra grafada em letras grandes na formação e atuação de muitas/os profissionais.

Pensando nisso, corrobora-se aqui o que Gouveia e Zanello (2019, p. 9) identificaram sobre atividades de pertencimento grupal – como a participação em “religião afro e de grupos de apoio como a família e os(as) amigos(as) negros(as), bem como a militância/ativismo próprio ou familiar, círculos nos quais as vivências raciais podem ser e são discutidas” – serem fatores



terapêuticos coadjuvantes que, somados, muitas vezes, à invisibilidade da questão racial na clínica, emergem como estratégias de enfrentamento a esse cenário. Sobretudo, é essencial que essas atividades sejam estimuladas desde dentro do fazer psi, não para meramente tapar buracos de uma atuação baseada em uma monocultura de fatores terapêuticos individualizantes, mas para fomentar a potência protetiva que o quilombamento possui. Beatriz Nascimento (1989) em seu documentário *Ôrí*, diz: “cada cabeça é um quilombo”; quilombo é um sistema diferencial de poder, sem os sentidos de dominação e coerção, mas de enlaçamento, acompanhado por todo o ethos da filosofia bantu. A cisão ocidental mente/corpo – inflexível, fixa, monocultural – não habita ali, pois o Ubu-Ntu (Ser-Sendo) dos povos bantu se insere numa teia do real-total, processual, multiforme, pluriversal (Malomalo, 2019). O quilombamento, portanto, é uma tecnologia simbólica, ativadora do sentimento de pertencer, por forjar ambientes que potencializam as rotas da existência de todos os seres que ali se presentificam (Souto, 2020).

Considerando esse dentro-fora a partir dessa teia multiforme, onde esses dois pólos se integram, dois conceitos centrais na obra de Laura vêm à tona: contato e suporte. Laura (1992) explica que contato é o reconhecimento da alteridade; do outro; da diferença. Contato é uma atividade, que ocorre na fronteira entre o eu e o outro (Perls, 1977). Essa atividade não acontece sozinha, pois

As funções de contato, como um órgão específico ou uma atividade especificamente estruturada, aparece contra um fundo de funções orgânicas que são normalmente não conscientes e dadas como garantidas; no entanto elas fornecem depois o suporte indispensável para função de contato em figura. Elas compreendem fatores hereditários e constitucionais (fisiologia primária, etc); hábitos adquiridos que se tornam automáticos e que então equivalem à fisiologia primária (postura, linguagem, maneiras, técnicas, etc); e experiências de todo tipo completamente assimiladas. Somente o que é completamente assimilado e integrado ao funcionamento total do organismo pode se tornar suporte (Perls, 1992b, p. 47).



Mais uma vez, as ideias de Laura dialogam com Grada, pois para agenciar o redirecionamento daquela fúria, muitas vezes retrofletida, é de grande valia considerar o como essas funções de suporte e contato estão funcionando em cada existência negra no mundo. Sugere-se, aqui, a criação de um espaço clínico onde a pessoa negra possa mastigar as suas experiências, dialogando com o método fenomenológico veiculado, tanto na abordagem gestáltica, quanto por Grada ao percorrer os corpos-mapa (Nascimento, 1989) das mulheres que entrevistou. Esse modo de caminhar fenomenológico propõe percorrer vivências sem abstrair delas significados e interpretações prévias, colocando o sujeito como dono de sua história e o maior detentor de saber sobre como ela foi e deve ser; pressupõe detalhar a experiência com curiosidade, degustação, atenção; também implica se colocar à serviço de subverter a lógica de subjetivação “à vácuo” que criticamos neste ensaio.

Defendemos a ideia de que, junto da experiência individual da raça, conjugam-se múltiplos aspectos, como uma origem, uma corporeidade, famílias, recursos econômico-materiais, gênero, entre outros que modelam o como a raça foi e é vivida por determinado sujeito (Schucman; Gonçalves, 2020). Por isso, o que Kimberlé Crenshaw propõe sobre interseccionalidade (2002), endossado posteriormente por Carla Akotirene (2019) e outras autoras que estudam o tema, faz bastante sentido ao imaginarmos a experiência das pessoas negras como um corpo-continente cruzado por caminhos/avenidas – a do sistema de classes, a do racismo, do cisheteropatriarcado, do capacitismo, entre outras opressões – que nos colocam para perceber as estruturas que interceptam as possibilidades dessas pessoas serem e estarem no mundo.



Kimberlé Crenshaw (2002, p.183) nos instiga, embora falando de metodologias interseccionais na área do Direito, à perguntas como “Onde está o sexismo nisso? Qual a sua dimensão de classe? Onde está o heterossexismo? (...) De que forma esse problema é matizado pelo regionalismo? Pelas consequências históricas do colonialismo?”. Aqui, apesar de nos ocuparmos em maior parte com a “avenida” racial, salientamos a interseccionalidade como fundamental para a formação de uma práxis clínica que se interesse pelos múltiplos elementos que compõem a experiência que está sendo apresentada, pretendendo esmiuçar o como ela se deu, o que se sentiu, com quem se estava no momento, onde aconteceu, se já aconteceu outras vezes etc.

É importante ressaltar que a temática racial muitas vezes não aparecerá como central e explícita e, muitas vezes, gritará através de conteúdos cotidianos sem, muitas vezes, a/o profissional precisar focar deliberadamente o aparecimento direto da temática, já que “o paciente aprende a trabalhar com o material que está imediatamente disponível para ele na situação atual” (Perls, 1992b, p. 50).

Laura nos propõe pensar que o trabalho psicoterápico ocorre numa artesanaria feita estritamente sobre a superfície. Ela defende que

As perguntas “ Como?”, “ O que ?”, “Onde?”, “ o que isso faz por você agora?” tem preferência sobre “Por que?” ou “Pra que?”, a descrição prevalece sobre a explicação, experiência e experimento sobre interpretação. Trabalhando estritamente sobre a superfície, por exemplo, a partir da *awareness* atual de um determinado momento, nós evitamos o erro de contatar material profundo prematuramente, que a priori foi e precisou ser “reprimido” porque em um dado momento na história do paciente foi insuportável. (Perls, 1992b, p. 50)

Assim, a reflexão sobre “o que ocorreria ao permitirmos sentir a fúria decorrente do racismo” (Kilomba, 2019, p. 231) somente se concretizará por meio de um processo de amplificação e fortalecimento das funções de



suporte. Isso garantirá a concessão da "permissão" (essencialmente, o suporte) para a expressão dessa fúria e sua efetiva mobilização.

Nessa direção, Fanon (2008) aponta acertadamente que a experiência do racismo traz um doloroso impacto que é também corpóreo. Em Gestalt-Terapia compreendemos a corporeidade como parte indissolúvel da experiência, já que sem ela não há como haver contato, e sem contato não há relação, sem relação não há experiência. Partindo do sistema *Self* gestáltico, o que aparece em figura/ato – função ego –, motoramente e verbalmente, tem o corpo sensível – função id –, de propriocepções, afetações, apetites como fundo. Nesse fundo também está a função personalidade, de representações pessoais e coletivas, de passado, futuro e formas estéticas (Arrelias, 2019). Sendo o corpo espaço das mobilizações de todas essas dimensões do sistema *Self*, rememoramos Beatriz Nascimento (1982) em mais uma passagem de Ôrí, quando ela expõe o corpo como documento; documento de memória dos conteúdos de um continente, de sua história, de seu passado. Luedji Luna (2017) também delinea esse corpo-continente, na descontinuidade do amor faltante nas esquinas da vida, através dos versos da sua canção "Um Corpo no Mundo": "Olhares brancos me fitam // Há perigo nas esquinas // E eu falo mais de três línguas // E a palavra amor, cadê? . . . // Je suis ici,<sup>7</sup> ainda que não queiram, não".

Diante dos sentidos evocados pelo resgate da corporeidade nas experiências de racismo que viemos destacando ao longo deste ensaio, Laura (1992b, p. 64) emerge novamente, apontando que "a função mais essencial para o suporte é a respiração. Um diafragma mobilizado/móvel é uma necessidade absoluta para uma respiração desinibida.". Na sensação de incômodo, insegurança, medo e raiva, a vivência se dilui no meio e a função id

---

<sup>7</sup> Tradução nossa: "Eu estou aqui".



está ali, dando as “bases vivenciais afetivas” (Costa, 2019, p. 206). As funções de contato e suporte se encontram difusas. Dessa forma, a pessoa negra se afasta do que Laura (como citada por Alvim, 2011, p. 229) aponta em: “quando você se experiencia totalmente como corpo, então você é alguém. A linguagem sabe sobre o que se está falando. E quando você não tem isso, você facilmente se experimenta como ninguém”. Diante disso, sugerimos o manejo clínico com atividades que promovam alongamento e fortalecimento diafragmático, como respirações guiadas, mobilizações corporais e práticas que estimulem a sensorialidade motora da pessoa atendida, partindo da awareness da função id.

Isso é o que Mônica Alvim e Jorge Ponciano (2009, p.20) mostram como experimentação: uma “proposta de resgate da corporeidade, veículo para a expressão, para a emergência de uma ação criativa produtora de significados”. Partir da awareness da função id – que sempre é da situação<sup>8</sup> – implica assuntar às formas, providas da atividade pré-reflexiva, não deliberada, indiferenciada. Partir da função id é importante, pois ela é a “base para que o ‘self’ possa criar e agir (função ato) e para somente depois transformar a experiência em um significado social (função personalidade)” (Costa, 2019, p. 212).

---

<sup>8</sup> Ver Robine, J. M. (2003). Do campo à situação. Tradução Selma Ciornai. Revista de Gestalt, Instituto Sedes, São Paulo, n. 12. e Costa, L. C. A. (2019). Reflexões gestálticas sobre autorreconhecimento como mulher negra na Amazônia. Revista IGT na Rede, v. 16, nº 31, 2019. p. 192 – 225. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs> ISSN: 1807-2526



## **SUGESTÕES DE PERCURSOS PSICOTERAPÊUTICOS NO MANEJO DO RACISMO**

Os dois conjuntos de atividades sugeridas a seguir pressupõem necessariamente a disposição das possibilidades corporais da pessoa atendida e uma completa concatenação com o percurso do processo terapêutico em questão, sendo seguidas de um trabalho de elaboração do como foi a experiência, para também integrá-la:

1. Uso da argila: mobilização de expressões através das formas e sensações junto ao elemento terroso.

Essa sugestão surge a partir da experiência que tivemos em atividade de extensão na semana da Consciência Negra na UnB, na turma de psicologia e relações raciais, onde organizamos o Cine Sarau DecolonizArte, de forma coletiva, numa ação que alcançou uma ampla participação de pessoas negras da universidade. A atividade fez uso de recursos artísticos como curtas-metragem, recitação de poesias, materiais para desenho, recorte e colagem e, também, argila. Nessa experiência, a turma se surpreendeu com o quanto as pessoas que participaram da roda de conversa utilizaram e se mobilizaram com a argila, que possibilitou o compartilhamento de temas bastante sensíveis relacionados à experiência de pessoas negras no mundo de forma segura e suportiva.

Além disso, outra experiência que colocou em prática os pressupostos aqui evidenciados, foi a roda de conversa chamada “Autobiografias do tornar-se pessoa negra: tessituras gestálticas acerca da intercorporeidade e autorreconhecimento racial” (Santos; Santos; Andrade, 2024) proposta no Congresso Nacional da Abordagem Gestáltica. Nessa experiência, a awareness da função id foi possibilitada, dando vazão para a tomada de consciência de



aspectos antes submergidos ao fundo, sem suporte para tornarem-se figuras. Nesse caso, ali, também participaram pessoas brancas, e as produções de argila também trouxeram o branco, também, como raça. Sobretudo, foram ações que promoveram “signific-ação” (Alvim & Ribeiro, 2009). Dessa forma, abrem-se caminhos que evidenciam “o corpo negro em suas sensibilizações e dessensibilizações, entendendo a pele um órgão de contato primordial na(s) fronteira(s) das experiências de pessoas negras no mundo.” (Santos; Santos; Andrade, 2024, P. 324).

2. Movimentações corporais, que podem ser feitas com ou sem músicas escolhidas pela/o consulente e guiadas pela/o profissional lançando mão de movimentos como:

- agitar o corpo (braços, cabeça, tronco, pernas, dedos);
- abrir a boca ao máximo, bocejando, fazendo barulhos, caretas;
- pular;
- gritar;
- sentar/deitar/rolar no chão;
- colocar os pés no chão, descalços;
- explorar movimentos aleatórios.

Isso é delineado por Alvim e Ribeiro (2009, p. 48), sendo atualizado dentro dos sentidos propostos neste ensaio: “manter o foco do trabalho na sensação e na awareness sensorial – o que pode ser conduzido com pequenos trabalhos corporais, respiração, movimentos, exercícios, relaxamento, ou apenas dirigindo a atenção para o corpo, sentimentos, sensações;”.

Estas sugestões se dão a fim de facilitar a expressão do que já foi experienciado pelas pessoas negras atendidas e conseguir gerar, nelas, recursos para posteriores contextos racistas. Fora do espaço psicoterapêutico, habilidades de comunicação e de sustentação corpórea e afetiva das emoções



desencadeadas pelo episódio racista possam ser utilizadas de forma a não hesitar “em usar sua raiva e fúria como recursos para negociar o racismo cotidiano” (Kilomba, 2019, p. 231) e a ajudar saber o que se quer e o que não quer, o que se deixa ou não entrar em seu território, em seu corpo, em sua existência.

## RE-EXISTÊNCIAS E ABERTURA DE PORVIRES

Neste estudo, compreendemos que as possíveis pontes entre Grada e Laura são inscritas em corpos-território (Nascimento, 1982). Um corpo-território, mapa, documento; que tem cor, corte e histórias de determinados espaços e contextos. É situado, mas também compartilhado e múltiplo, compartilhador de sensações, fúrias; ao ser situado, é também político; e ao ser compartilhador, é suporte, é aquilombamento.

Diante do que foi apresentado aqui, foi possível perceber que, apesar de terem trajetórias diferentes, as autoras Grada Kilomba e Laura Perls conseguem se transpassar num ponto, no qual oferecem suportes para que uma clínica da e para a negritude possa emergir. Com uma compreensão mais fundamentada sobre as experiências das pessoas negras no mundo e de como elas podem ser manejadas dentro (e também fora) do espaço terapêutico. O negociar o racismo cotidiano foi abordado dentro disso, como base para regurgitar os falsos sonhos de uma branquitude introjetada e re-existir dentro das fissuras existentes neste tecido social que, infelizmente, seguirá sendo racista. Isso foi proposto recorrendo à amplificação e fortalecimento das funções de contato e suporte, através de propostas de mobilizações a partir da função id, utilizando argila e também movimentações corporais, bem como aos sentidos evocados pelo ato de aquilombar-se.



Aqui foi evidenciado um fazer clínico que também carece dessas propostas. Para adentrar esses corpos-continentes, qual nutrição teremos? Quantas monoculturas deixaremos de cultivar, para que uma epistemologia de policultura (processual, multiforme, pluriafetada) possa ser fortalecida? Nessa direção, a formação profissional tem papel fundamental. A construção e o fortalecimento de espaços formativos em psicologia clínica que não negligenciem a dimensão étnico-racial das experiências podem construir possibilidades de produção de conhecimentos e práticas necessários (Alves et al., 2023).

Reivindicamos, portanto, um espaço epistemológico territorializado, de forma a descalçar, também, o fazer psi gestáltico dos moldes coloniais que a fazem e a sustentam em atuações que muitas vezes vão na contramão da promoção de saúde à população negra. Deixamos essa temática reverberando e necessitando de mais produções dentro do espaço acadêmico, com suporte financeiro e docente para pesquisas, mas sobretudo de ações que demonstrem uma práxis coerente com as reflexões aqui mobilizadas, forjadas tanto individualmente quanto em coletivo – em vivências grupais, bem como na ampliação e criação de políticas públicas. Nessa caminhada, à medida que vamos evidenciando reflexões pertinentes ao campo das relações étnico-raciais, vamos também abrindo porvires, debates e novos questionamentos, instigando tensionamentos, mobilizando nossas próprias inquietações em direção à desestruturação do que já está posto. Assim, abrem-se caminhos rumo à reestruturação, dando novos contornos às formas de produção de conhecimento e *práxis* no campo *psi*.



## REFERÊNCIAS

ALVES, Cláudia de Oliveira; SANTOS, Júlia Campos Bessa dos; FERREIRA, Maria Eduarda Alves; ALBUQUERQUE, Gabriela Martins; ZANOLLA, Anita Silva; SAMPAIO, Iago Ferreira. Formação em psicologia clínica e relações étnico-raciais: relato de uma construção coletiva. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 16 (Edição Especial), 2023, p. 509-532.

ALVIM, Mônica Botelho e RIBEIRO, Jorge Ponciano. O lugar da experimentação no trabalho clínico em Gestalt-terapia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. v. 9, n. 1, 2009, p. 37–58.

ALVIM, Mônica Botelho. O lugar do corpo em Gestalt-terapia: dialogando com Merleau-Ponty. *Revista IGT na Rede*. v. 8, n. 15, 2011, p. 227-237.

ANDERSON, Maria Inês P. e RODRIGUES, Ricardo Donato. O paradigma da complexidade e os conceitos da medicina integral: saúde, adoecimento e integralidade. *Revista HUPE*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, 2017, p. 242-252.

ARRELIAS, Livia. Reflexões da clínica gestáltica sobre relações raciais. In: NASCIMENTO, Lázaro Castro Silva e VALE, Kamilly Souza do. *Sentidos em Gestalt-terapia : novas vozes, outros olhares*. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Zahar; 1ª edição: 2023.



Conselho Federal de Psicologia (Brasil). Quem faz a psicologia brasileira? : um olhar sobre o presente para construir o futuro : formação e inserção no mundo do trabalho : volume II : condições de trabalho, fazeres profissionais e engajamento social / Conselho Federal de Psicologia. – 1. ed. – Brasília : CFP , 2022.

COSTA, Lívia Cristinne Arrelias. Reflexões gestálticas sobre autorreconhecimento como mulher negra na Amazônia. *Revista IGT na Rede*, v. 16, n. 31, 2019. p. 192 – 225.

COSTA, Pedro Henrique Antunes e MENDES, Kíssila Teixeira. Colonização, escravismo e racismo: contribuições a uma psicologia brasileira antirracista. *Teoría y Crítica de la Psicología*, v. 18, 2022, p. 44-64.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Los Angeles: *Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, 2002, p. 171–188.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça; SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. *Psicologia, uma (nova) introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência*. 3 cd. - São Paulo: EDUC, 2008.

GALDINI, Ana Maria Raimundo Oda; DALGALARRONDO, Paulo. Uma preciosidade da psicopatologia brasileira: A paranóia nos negros, de Raimundo Nina-Rodrigues. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 7, n. 2, 2004, p. 147-160.



GOUVEIA, Marizete; ZANELLO, Valeska. Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: experiências e percepções de mulheres negras. *Psicologia em Estudo*, v. 24, 2019.

GOUVEIA-DAMASCENO, Marizete; ZANELLO, Valeska. Psicoterapeutas brancos/as e clientes negros/as: sobre racismo invisível e lacuna em relações raciais na formação profissional. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 14, n. 41, 2022, p. 317-342.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Cobogó (Rio de Janeiro): 2019.

LUNA, Luedji. *Um Corpo no Mundo*. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA>. Acesso em: 17 de Março de 2025.

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Tradução . Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: [https://biblio.fflch.usp.br/Munanga\\_K\\_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismoidentidadeEEtnia.pdf](https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismoidentidadeEEtnia.pdf). Acesso em: 08 março de 2025.

NASCIMENTO, Abdias. *Sortilégio*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: 2022, Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros.

NASCIMENTO, Beatriz. Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso. *Revista Estudos AfroAsiáticos*, v. 6-7,1982, p. 259-265.

GERBER, Raquel. NASCIMENTO, Beatriz. (1989). *Ôrí* [Arquivo de vídeo – documentário]. Recuperado de: <https://negrasoulblog.wordpress.com/2016/08/25/309/>. Acesso em: 12 de novembro de 2024.

PERLS, Fritz; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. *Gestalt-Terapia*. Ed. Summus, 1970.



PERLS, Laura; PERLS, Fritz. *Ego, Fome e Agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud*. Trad. Georges Boris. São Paulo: 3 ed., Summus, 2002.

PERLS, Laura. Concepts and misconceptions in gestalt-therapy. *European Association for transactional analysis*. Seefeld/Áustria: 1977.

PERLS, Laura. *Living at the Boundary*. Gouldsboro: The Gestalt Journal Press: 1992a.

PERLS, Laura. Dois Casos em Gestalt Terapia. In: PERLS, Laura. In: *Living at the Boundary*. Tradução de Tássia Lobato Pinheiro (s.d.). Gouldsboro: The Gestalt Journal Press, 1992b.

PRESTES, Clélia, R. S. Não Sou Eu do Campo Psi? Vozes de Juliano Moreira e outras figuras negras. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 12, Ed. Especial – caderno temático: III ANPSINEP - Articulação Nacional de Psicólogas/os Negras/os e Pesquisadoras/es, 2020, p.52-77.

PUCRS Online. *Negociação: saiba como aprimorar esta habilidade*. Disponível em: <https://online.pucrs.br/blog/negociacao>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2025.

SANTOS, Alessandro de Oliveira dos; SCHUCMAN, Lia Vainer; MARTINS, Hildeberto Vieira. Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 32 (spe), 2012, p. 166–175, 2012.

SANTOS, Geovana Beatriz Albuquerque Rocha; SANTOS, Fernanda Cristine do Monte; ANDRADE, Lorena Schalken. Autobiografias do tornar-se pessoa negra: tessituras gestálticas acerca da intercorporeidade e autorreconhecimento racial. In: ALVES, Hayanne Galvão Pereira; ANDRADE, Livia Maria Guedes de Lima; FERREIRA, Wanderlea Nazaré Bandeira. *XVIII Encontro Nacional de Gestalt-terapia e XV Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica [recurso eletrônico]: Pensando uma ética decolonial*. São Luís: EDUFMA, 2024, p. 323-324.



SCHUCMAN, Lia Vainer; GONCALVES, Monica Mendes. Raça e subjetividade: do campo social ao clínico. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro , v. 72, n. spe., 2020, p. 109-123.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. 2012. [Tese de Doutorado]. Universidade de São Paulo, 2012.

SOUTO, Stéfane. Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea. *Revista Metamorfose*, v. 4, n. 4, 2020, p. 133-144.

VEIGA, Lucas. *Linhas de Fuga e de Cura*. Telha, 1ª edição: 2021.

*Recebido em: 08/05/2025*

*Aprovado em: 21/08/2025*